

**As microestruturas onomasiológicas de *PESCADOR*
na comunidade de Baiacu-Vera Cruz-Bahia**

letrônica

Cristiane Fernandes Moreira¹**1 Apresentação**

Agradeço inicialmente à Revista Letrônica, da PUCRS, pela oportunidade de publicar parte de minha dissertação de mestrado em Letras e Linguística pela Universidade Federal da Bahia, assim como pelas sugestões dos pareceristas. A ideia da publicação tomou forma mesmo em discussão com colegas do curso de Doutorado sobre a qualidade da Revista. Foi então que desenvolvi uma reflexão teórica sobre “As microestruturas onomasiológicas de *Pescador*”, temática que aparece em estudo completo na minha dissertação acerca de “As denominações para os pescadores e os apetrechos de pesca na comunidade de Baiacu-Vera Cruz - Bahia”. É um trabalho acerca da língua de especialidade da pesca daquela localidade. Procuo, com isso, fazer repercutir que teoria e empiria mantêm relações intermináveis, são bidirecionais, assim como ratificar o que registram diversos autores sobre a questão de que a língua constitui marca identitária da comunidade que a usa. Sendo assim, convido aos interessados e familiarizados com os muitos projetos em andamento e ou em conclusão a que se dediquem a exercício semelhante. Nesse sentido, para orientar este artigo, divido-o em algumas partes: explanação dos recursos teóricos utilizados para fundamentar as ideias propostas, o método que serve de base para a pesquisa, seguido pela contextualização da comunidade e a análise dos dados.

2 A Onomasiologia e a Semasiologia, a Lexicologia e a Terminologia

As microestruturas onomasiológicas (campos de denominações) e semasiológicas (campos de significações) apresentam-se conforme a ciência do significado, respectivamente, enquanto relação entre as unidades lexicais (plano da expressão) e o conteúdo (plano conceitual). Conforme assegura Baldinger (1970), autor que serviu de base para este estudo, a Onomasiologia e a Semasiologia são perspectivas tanto histórico-evolutivas, como pedagógicas. O autor aponta a Semasiologia como uma introdução histórico-evolutiva para a compreensão do estudo da língua. Desse modo, depara-se com uma preocupação estrutural

¹ Estudante de Doutorado pelo Programa de Pós-graduação em Língua e Cultura da Universidade Federal da Bahia-UFBA.

em torno do plano das *denominações* linguísticas, e ressalta o fato de que a investigação da Semântica, que estuda todo o lado do conteúdo da linguagem, ter feito progressos revolucionários nos últimos dez ou quinze anos. Na teoria de Baldinger, postula-se que os conceitos são independentes de qualquer língua e se organizam em sistemas linguísticos, o que contribui para demonstrar que um único conceito pode ser expresso por *denominações* linguísticas. Essa teoria semântica tem como base os sistemas de conceitos e os de denominações, e estuda um sistema de significações ou sememas. A Onomasiologia e a Semasiologia favorecem tanto a Lexicologia histórica, como a visão estrutural dos fenômenos linguísticos. Ambas estabelecem estruturas, sendo que a Onomasiologia corresponde à sinonímia, enquanto a Semasiologia se baseia na polissemia.

Os estudos onomasiológicos tiveram, segundo Babini (2006), grande desenvolvimento no domínio das línguas românicas. O ponto de partida para a descrição dos conceitos foi o latim, uma vez que permitia, para alguns grupos de ideias, resgatar mais de dois mil anos de história lexical. Prossegue o autor, afirmando que, dentre os trabalhos que tiveram como ponto de partida a língua latina, destaca-se a obra monumental de Wartburg, *Französisches Etymologisches Wörterbuch-FEW*, de 1928, que apresenta uma minuciosa descrição histórica do vocabulário galo-românico. Mas é em 1952 que Wartburg, juntamente com Hallig, redige a obra que é considerada um marco nos estudos da Onomasiologia: o *Begriffssystem als Grundlage für die Lexikographie* (Sistema Racional de Conceitos). Ao citar Baldinger, por exemplo, Babini (2006) explica que o *Dictionnaire onomasiologique de l'ancien occitan*, de Kurt Baldinger contribuiu de modo significativo para os estudos onomasiológicos e para continuar a tradição desses estudos nas línguas românicas.

Baldinger (1970) chama a atenção para a relação de representatividade entre conceito e significante. A significação parte de um significante para chegar a um conceito, a um objeto mental.

Em estudos, Silva (2005) apresenta as duas estruturas em referência a um mapa conceptual da semântica histórica que pode ser representado como se segue:

	QUALIDADE: entidades e relações	QUANTIDADE: diferenças de saliência
SEMASIOLOGIA	Novos sentidos e mecanismos de mudança (metáfora, metonímia etc.)	Características prototípicas da mudança
ONOMASIOLOGIA	Novas palavras/nomeações e mecanismos de mudança (formação de palavras, neologismo, empréstimo, etc.)	Mecanismos preferenciais (metáforas dominantes, etc.)

Figura 1: Mapa conceptual da semântica histórica (SILVA, 2005, p.310).

Silva (1999; 2005) revela que as estruturas onomasiológicas e semasiológicas podem ser analisadas a partir da perspectiva da mudança semântica, tendo como base os elementos metafóricos e metonímicos, assim como os estudos cognitivos e conceptuais.

Esse modelo proposto conduz a uma espécie de orientação atual da Linguística em direção às teorias e procedimentos de análise da Lexicologia e da Terminologia. Seus objetivos são, portanto, semânticos e lexicológicos.

3 A Lexicologia

A tradição francesa é de importância considerável para os estudos acerca da Lexicologia, sendo Matoré um dos principais representantes, o pioneiro da Lexicologia. Oliveira (1999), por exemplo, em sua tese de doutoramento, especificamente no capítulo 2.1.1 sobre campos léxicos, estabelece algumas posições teóricas e explica a estrutura léxico-semântica a partir da informação de que os povos antigos, como os sumérios e eblaitas, já haviam organizado uma lista de palavras, reunindo-as em conjuntos. Como comprovação, a autora chama a atenção para a descoberta de quinze mil tabuinhas em Ebla, em 1976, que serve como mostra da catalogação de palavras, feita na antiguidade, em 2400 a.C., por esse povo, chegando até a organização de vocabulário bilíngue. A autora prossegue sua análise teórica, informando que, após o referido período, os gramáticos mudaram o rumo de seus estudos, focalizando sua atenção para temas relacionados às nomenclaturas, aos dicionários, onde os vocábulos são legados segundo a conexão semântica. Oliveira (1999) deixa explícito, entretanto, que é somente a partir do século XIX que se têm os primeiros trabalhos científicos, com o intuito de comprovar a existência de um sistema no léxico, emanados com base nas novas disciplinas linguísticas – a Semântica, a Geografia Linguística e, também, inspirados nos princípios saussurianos.

Nesse sentido, o estudo sobre o léxico passa a levar em consideração a parte semântica e, como exemplos, observam-se aqueles da Geografia Linguística², o da Escola das Palavras e Coisas³ e o da Semântica evolutiva ou História das palavras, como ressalta Baldinger (1970):

Del siglo XIX al XX la evolución de la lingüística [...] está caracterizada por dos tendencias esenciales: la atención se ha desplazado del sonido a la palabra (de la fonética histórica a la lexicología histórica) [...] Y, ao mesmo tiempo, la manera de enfrentar-se con los problemas, aislante en un principio – unidimensional - se ha hecho estructural, es decir, bi- o tridimensional. Los atlas lingüistas han contribuido mucho a este desarrollo. Incluso el atlas lingüístico de GILLIÉRON partía aún del sonido y desembocaba, casi en contra del deseo del autor, en estudios lexicográficos, en la fundación de la geografía lingüística (BALDINGER, 1970. p. 243) [grifo de BALDINGER].⁴

Tais explicações consistem em considerar a condição de significação das palavras àquilo a que corresponde ao contexto.

Outra variante defendida para os postulados teóricos léxico-semânticos é a interpretada por Guiraud (1980), segundo o qual, no plano do léxico, há três grandes divisões: uma morfolexicológica, ou estudo das palavras consideradas em sua forma independentemente de sua função; uma semântica, ou estudo das palavras consideradas em seu sentido, em sua forma enquanto portadora de um sentido; uma léxico-estilística, ou estudo das palavras consideradas em seus valores expressivos ou sócio-contextuais. Guiraud (1980) apresenta para os estudos semântico-lexicais a perspectiva da mudança de sentido enquanto estrutural, estritamente linguística. O autor reflete acerca da significação e do sentido, enquanto processos e funções semânticos. Para sustentar seu argumento, remete ao exemplo clássico de Saussure, por meio do qual demonstra que a palavra “*enseignement*” está ligada por seu sentido e por sua forma a “*enseigner*”, “*enseignons*”, por seu sentido a “*apprentissage*”, “*education*”, e por sua forma fonética a “*clément*”, “*justement*”, (cf. GUIRAUD , 1980, p.80). No dizer de Guiraud (1980), o léxico assume, portanto, papéis

² Conforme Bidermann (1981, p.143), além dos trabalhos pioneiros de Gilliéron, os trabalhos etnolinguísticos de Jaberg e Jud (a partir de 1928), os de Rohlf, de Manuel Alvar no domínio hispânico, os de Paiva Boléo, no domínio português. Como complemento, informam-se os trabalhos desenvolvidos em torno do Projeto Atlas Lingüístico do Brasil (ALIB), um projeto de caráter nacional que tem como um dos principais objetivos descrever a realidade linguística do Brasil, no que tange à língua portuguesa, com enfoque na identificação das diferenças diatópicas (fônicas, morfossintáticas, léxico-semânticas e prosódicas) consideradas na perspectiva da Geolingüística.

³ Segundo Biderman (1981, p. 143), o pioneiro desses estudos foi H.Schuchardt (Romanschen Etymologico, 1899). Uma verdadeira escola desenvolveu-se nesse domínio da Romanística.

⁴ Do século XIX ao XX, a evolução da linguística [...] está caracterizada por duas tendências essenciais: a atenção se deslocou do som para a palavra (da fonética histórica à lexicologia histórica) [...] E, ao mesmo tempo, a maneira de se enfrentarem os problemas, isolantes em um princípio – unidimensional – fez-se estrutural, isto é, bi- ou tridimensional. Os atlas linguísticos contribuíram muito para este desenvolvimento. Inclusive o atlas lingüístico de GILLIÉRON partia ainda do som e desembocava, quase contra o desejo do autor, em estudos lexicológicos, na fundação da geografia linguística.(Tradução da autora desta Dissertação).

diferentes, e a interpretação da significação tem por base a relação linguagem/realidade linguística e não linguística: o sentido de uma forma é o seu uso, além de considerar o significado em função do referente.

Do ponto de vista de Xatara e Rios (2005), para o enriquecimento do estudo sobre o léxico, muitos estudos foram desenvolvidos e citam: “Baldinger [...], com outro enfoque, propõe duas direções para o estudo do léxico: Onomasiologia – estuda as denominações (as palavras) – e Semasiologia – estuda as significações (as ideias)” (XATARA E RIOS, 2005, p. 185). As autoras consideram que Baldinger (1970) observa que as unidades lexicais, muitas vezes, são constituídas pela combinação de duas unidades significativas: o lexema e o morfema, e a diferença entre elas encontra-se no fato de que os morfemas têm um número limitado e os lexemas constituem uma lista aberta, isto é, o número é muito maior que o de morfemas. O autor parte do conceito de monema, unidade mínima, para explicar a bipolaridade fundamental da língua: o significante (forma da expressão) e o significado (forma do conteúdo). A partir do monema representado pelo morfema e pelo semema é que ocorrem as evoluções linguísticas, pois o monema é utilizado para fins de análise do morfema e do semema.

Nessa perspectiva, a Lexicologia que, no sentido lato, tem por objeto de estudo as “palavras” ou unidades lexicais é descrita como ciência capaz de relacionar-se a outras vertentes teórico-metodológicas. Na obra de Tamba-Mecz (2006), por exemplo, a autora descreve três correntes teóricas que representam direções opostas para o estudo da compreensão do sentido das palavras. A primeira é a Linguística Comparada – que se caracteriza em um período evolucionista (1883-1931) à história das palavras. Dentre os representantes mais exponenciais citam-se, nesse caso, Bréal e Trier, este último especialmente destacado pelo seu estudo dos campos léxicos. Influenciado pelas ideias da língua como sistema e da articulação como característica essencial de toda língua, teoriza acerca da organização de palavras em campos, e concebe em seus estudos o vocabulário de um estado linguístico sincrônico como uma totalidade semanticamente estruturada em campos léxicos. A segunda corrente é considerada como período misto (1931-1963) de história das palavras e estruturação do léxico, em que coexistem dois pontos de vista, o evolucionista e o sincrônico, tendo como representante maior Saussure. A terceira corrente teórica refere-se ao período das teorias linguísticas de tratamento computacional. Tem como marco referencial os anos 1960 a 1990 e é definido pela autora como um período em que se preocupa com a explicação do impacto das situações de comunicação sobre a interpretação dos enunciados. Os

principais representantes são Chomsky, com a Gramática Gerativa, e Lakoff e J. MacCawley, com a Semântica Gerativa. Ao abordar tais correntes, Tamba-Mecz (2006) demonstra os limites e as modalidades possíveis de uma análise do sentido e das unidades da língua, ao mesmo tempo em que relaciona o significante à complexidade das estruturas semânticas.

Nos pontos de vista apresentados por esses e outros autores, a *Lexicologia* serve como inter-relação de novos e outros campos, a exemplo da Terminologia.

4 A Terminologia

Toda profissão possui vocabulário próprio, um glossário que permite comunicação mais efetiva entre os que trabalham em determinada área de conhecimento humano. Com o domínio da *pesca* não o é diferente, e o vocabulário é pleno de particularidades familiares aos que dele partilham nas práticas de pesca.

Em uma língua de especialidade como a utilizada na atividade pesqueira, o conceito de léxico adquire significados que também dependem de pessoas e contextos. É uma abordagem terminológica do léxico. Implica funcionar como “atributos são propriedades” no ambiente físico. E embora se saiba que a utilização de termos dentro de áreas técnico-científicas é uma prática que remonta a Antiguidade (Crátilo, de Platão, é o primeiro texto básico de Terminologia), Krieger (2004) afirma que essa “reviravolta” em torno dos estudos léxico-terminológicos ocorreu a partir dos trabalhos de Maria Teresa Cabré a respeito da determinação dos aspectos comunicativos das linguagens especializadas em detrimento dos propósitos normalizadores. No percurso de renovação dos estudos terminológicos, destacam-se as proposições em favor de uma Socioterminologia, formuladas por Gaudin a partir da crítica à política normalizadora conferida ao manejo internacional da Terminologia. O desenvolvimento do pensamento estrutural, como lembra Krieger (2004), provoca um alargamento do conceito de ciência, alterando os paradigmas científicos, culturais e tecnológicos.

Como resultado da herança dos estudos de Cabré (1993; 1999) surge uma teoria suficientemente ampla, a TCT Teoria Comunicativa da Terminologia, definida pela autora como uma teoria linguística das unidades terminológicas, de base cognitiva e com propósito comunicativo que dê conta das facetas distintas: linguística, cognitiva, sociocomunicativa. Eis o *modelo de las puertas*, como bem define a autora, no qual tal sintagma representa a tendência de se observar, em estudos mais recentes, a adoção de um ponto de vista discursivo, que busca explicar o funcionamento da unidade léxica das redes conceituais a partir do marco

da comunicação especializada. A definição de Cabré se faz a partir de fatores funcionais, situacionais, semânticos e formais que incidem no discurso especializado.

Com efeito, nos últimos anos tem-se assistido a integração progressiva dos avanços da Linguística em geral e em particular nos estudos em Terminologia, fato que contribui para explicar os processos envolvidos na constituição e uso das terminologias nos diferentes domínios da especialidade. Na proposta defendida por Cabré, é no âmbito da teoria comunicativa da Terminologia que os termos, unidades lexicais de fato, assumem significados⁵ especializados quando usados em determinados âmbitos de especialidade. Tal explicação é válida para as palavras de língua corrente que assumem significados especializados, sobretudo em virtude de processos metafóricos e metonímicos usados dentro desse registro linguístico específico.

Ao que se percebe, essa tendência de comportamento dentro da linha da Terminologia⁶ da linguística moderna tenta interpretar e/ou descrever os termos⁷, na medida do possível, em paralelo com a descrição semântica. Acontece que, até bem recentemente, havia poucas alternativas fora dessa linha. A partir do desenvolvimento dos estudos linguísticos nos últimos anos, se presencia a possibilidade de se pensar na alternativa de uma prática teórica que concilie língua de especialidade a um todo de significação. A Terminologia⁸, outrora, preocupava-se com a visão estática e normalizadora dos termos, com o objetivo de sistematizar os discursos especializados nas áreas do saber ou de atividade. Atualmente, entende-se o funcionamento das terminologias em um contexto mais amplo, levando-se em consideração os avanços da Ciência linguística e da Socioterminologia, em detrimento dos propósitos normalizadores. Situa-se a Terminologia no espaço da interação social, com o

⁵ Para Malinowski (1972, p.306; 308-309), “[...] o significado de uma palavra deve ser sempre apreendido com referência à cultura dada. Cada tribo primitiva ou bárbara, assim como cada tipo de civilização, tem o seu universo de significados e todo o mecanismo linguístico desse povo [...] só pode ser explicado em relação com os seus requisitos mentais [...] O vocabulário, o significado das palavras usadas em seu tecnicismo característico, não está menos subordinado à ação. Pois a linguagem técnica [...] só adquire o seu significado através da participação pessoal nesse tipo de ação [...] a linguagem em suas formas primitivas deve ser devera ser encarada e estudada [...] como um modo de comportamento humano em assuntos. práticos [...] Em seus usos primitivos, a linguagem funciona como um elo na atividade humana [...] é um modo de ação.”

⁶ Em estudos de Krieger (2004), a autora afirma que Eugênio Wüster é o fundador da teoria terminológica, considerando-a como um campo interdisciplinar, no qual a linguística é um dos campos de convergência, ao lado da lógica, da ontologia, da ciência da informação e das diversas áreas do saber. Deve-se a Wüster, explícita a autora, os primeiros princípios de tratamento dos léxicos especializados, proposição desenvolvida a partir dos anos 30 a que se convencionou chamar Teoria Geral da Terminologia (TGT). Para Krieger (2004), a concepção de Wüster é a de que a Terminologia expressa conceitos e não significados e perpassa a concepção de uma estrutura conceitual de uma especialidade, mas conceitua estruturas científicas e não linguísticas, porque estáveis, paradigmáticas, universais.). Essa mesma afirmativa se percebe nos estudos de Oliveira, Isabelle (2009), que reafirma Eugênio Wüster como fundador da Terminologia, e de acordo com a concepção wüsterienna, o termo não pode ser considerado como uma unidade que abarca à teoria lexicológica, a Terminologia se apoia sob a prescrição em detrimento da descrição. O objetivo da Terminologia é estabelecer os sistemas de noções para a base da normalização (cf. OLIVEIRA, Isabelle, 2009, p. 28).

⁷ Termo é aqui utilizado no sentido de Cabré, isto é, como associação de uma forma e um conteúdo, que corresponde a um conjunto de traços expressos linguisticamente como uma definição ou uma explicação e coincidentes com um nóculo cognitivo em uma estrutura conceitual.

⁸ Eugênio Wüster é o fundador da Terminologia e, de acordo com a concepção wüsterienna, o termo não pode ser considerado como uma unidade que abarca a teoria lexicológica. A Terminologia se apoia sob a prescrição em detrimento da descrição. O objetivo da Terminologia é estabelecer os sistemas de noções para a base da normalização (OLIVEIRA, 2009, p. 28).

objetivo de descrever e analisar as variantes terminológicas. Ao que se percebe, autores a exemplo de Alves (1996), Krieger (2000), Oliveira e Isquierdo (2001), Faultstich (1984,2010) e Aragão (2007) Cabré (1993;1999), sobretudo, definem a Terminologia, no sentido mais estrito, como a sistematização de termos e conceitos, isto é, um conjunto organizado de unidades léxicas de uma língua que são utilizadas numa mesma sincronia. Para os especialistas, a Terminologia é o reflexo formal da organização conceptual de uma especialidade, como um meio inevitável de expressão e de comunicação profissional, adquirindo uma identidade própria e independente em relação à Lexicologia e à Lexicografia. A origem das reflexões sobre o nome e a denominação, base da Terminologia, encontra-se em toda a reflexão sobre a linguagem e o sentido, e como base da comunicação entre profissionais, tanto em língua de especialidade como em língua geral.

5 O método

A pesquisa constitui-se a partir da análise de um *corpus* sincrônico mais amplo, com base nas aplicações de inquéritos linguísticos com pessoas que trabalham na pesca da comunidade do Baiacu/Vera Cruz/Bahia, sendo 34 (trinta e quatro) homens e uma mulher, todos eles com idade compreendida entre 21 e 86 anos. A maioria estudou até a primeira série do primeiro grau, conhecido atualmente como segundo ciclo do Ensino Fundamental. Fez-se necessária a elaboração de perguntas que permitissem interpretar determinadas unidades lexicais dadas pelos informantes. O *corpus* investigado reúne também dados de dicionários gerais e etimológicos e da língua oral, resultante da consulta às respostas aos questionários e entrevistas de coleta de dados a partir do Questionário Semântico-lexical (QSL), com 112 perguntas, subdivididas em: gerais, específicas e complementares, com base nos estudos do *AliB (Atlas linguístico do Brasil)*; do *APFB (Atlas Prévio dos Falares Baianos)* e nos estudos de Serafim da Silva Neto.

Consideraram-se as respostas de questões que contemplam as relações de significação entre os campos, redes de significação. Tais relações são definidas por sinônimos prototípicos, posto que a definição consiste em palavras separadas ou em série de sinônimos usualmente contendo um núcleo e suas especificações. O que define o campo de cada palavra é o mais prototípico porque torna explícita a informação semântica e implícita a definição dos elementos. Sterkenburg [2006] denomina-o de “semagram”, porque define o campo de cada lexia e é instrumento da função onomasiológica. O método é investigativo e empírico, pois se apresentam descrições de práticas linguísticas efetivas, por meio de colocações de exemplos.

As unidades relacionadas ao campo dos *Pescadores* são definidas conforme a função que cada membro desempenha na cultura da pesca daquela comunidade. As definições foram elaboradas a partir das abonações dos pescadores e dos dicionários gerais e etimológicos. No que tange à transcrição dos inquéritos, alguns critérios foram obedecidos, a exemplo de: a transcrição é grafemática; todas as formas foram transcritas da mesma maneira que realizadas pelo falante, compreendendo os itens que são objetos da questão e o contexto em que estão inseridos; os nomes dos informantes são indicados apenas pelas iniciais maiúsculas. A microestrutura, em que se representam as informações referentes aos verbetes, assim se encontra: ordenação da lexia não alfabeticamente, mas de acordo com as ideias que eles expressam. O agrupamento é por ninho, devido a se servir de paralelismo semântico. As denominações não constam em uma lista ordenada, mas de acordo com a classificação ideológica. Privilegia-se a significação documentada no contexto proferido pelos informantes.

6 A comunidade

A comunidade que serve de base para essa pesquisa é a comunidade de pescadores artesanais de Baiacu - Vera Cruz - Bahia. A Vila de pescadores de Baiacu é uma comunidade pertencente ao município de Vera Cruz, situado na Ilha de Itaparica. Distante de Salvador 43 (quarenta e três) quilômetros, está localizada na contra costa da Ilha. A localidade de Baiacu é remanescente da primeira ocupação da Ilha, em 1560.

Baiacu tem como origem o termo *Mayacu*. Com base nos dicionários de Afonso de Freitas (1976), o termo [maya'ku] é um termo tupi, caiu em desuso na época pós-clássica, devido a motivos fonéticos. A diferenciação pode se dever a causas histórico-linguísticas. O termo *Baiacu* deve ter surgido por influência do substrato no campo da fonética. Na conjuntura atual, o que se tem percebido na comunidade é que o topônimo *Baiacu* está em processo de mudança em curso ou variação entre os termos [Ba'jaku] e [Baja'ku]. O pequeno povoado de Baiacu é composto por marisqueiras e pescadores artesanais que buscam na pesca de peixes e mariscos sua subsistência e única fonte de renda.

7 A análise dos dados

O termo “denominação”⁹ é proveniente de uma relação referencial constante e codificada entre uma coisa (objeto extralinguístico) e um signo, fazendo com que esse signo

⁹ Para Siblot (2007), a problemática da nomenclatura torna-se ambígua na terminologia linguística, pois apresenta várias formas de nomeação em que a *designação* e a *denominação* são consideradas no mesmo paradigma de

passa a constituir uma característica inalienável do objeto, o seu nome. Nesse sentido, *as denominações* partem dos conceitos, para relacionar as unidades lexicais. São consideradas realizações linguísticas em função dos conceitos por elas representados. Essa definição se encontra nos estudos postulados por Baldinger (1970), em que se apresenta a Onomasiologia como estudo da relação entre os conceitos e as denominações, como os vários nomes atribuídos a um objeto, animal, planta, individualmente ou em grupo, dentro de um ou vários domínios linguísticos. Nessa perspectiva, dos 16 (dezesesseis) campos¹⁰ encontrados na pesquisa, foram analisados apenas dois, com um total de 11 (onze) microestruturas¹¹, sendo que 9 (nove) microestruturas onomasiológicas correspondem aos **APETRECHOS**, e constam de um total equivalente a 93 (noventa e três) unidades lexicais, e 2 (duas) microestruturas pertencem à categoria de **PESCADOR**. Essa última se constitui de um total de 35 (trinta e cinco) lexicais. Nas microestruturas em que se encontram os verbetes/e ou termos, os contextos revelam os fatores sociais, psicológicos e referenciais. Dessa forma, 11 (onze) categorias centrais e 128 (cento e vinte e oito) itens lexicais são submetidos à análise. Entretanto, para este artigo, apenas algumas unidades lexicais servirão de exemplo, devido a respeitar-se o número de páginas para a publicação.

7.1 Microestrutura onomasiológica de **PESCADOR**

Em Baiacu, as *denominações* que se atribuem ao homem trabalhador da pesca referem-se a um conceito estendido, motivado tanto por série, como por uma categoria semanticamente estruturada, a exemplo de *moço abaixador*, *moço pé de banco*, *moço popeiro*, *moço* ou, simplesmente, *pescador*. De fato, encontra-se, aqui, o esclarecimento das relações e do valor semântico atribuídos a certas unidades lexicais, que se especializam nas denominações para **PESCADOR**. Observe-se o campo:

sinônimos. Para o autor, a *designação* é um termo mais genérico e comum a unidades diferentes, é a forma final, a materialização do discurso em posição de hiperônimos. São expressões linguísticas lexicalizadas ou não. Por sua vez, a *denominação* é definida como formas estabilizadas na língua.

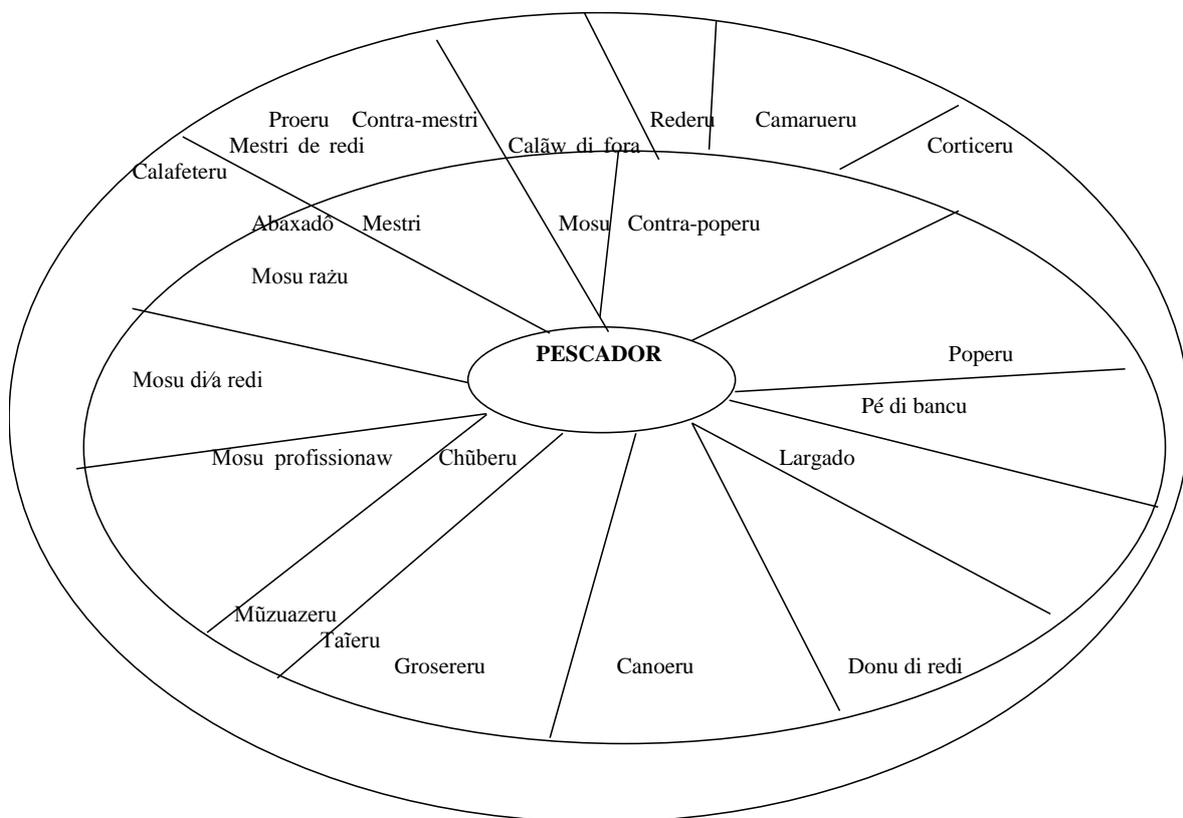
¹⁰ Chamo de campo o grupo de palavras frequentemente reunidas sob um termo genérico.

¹¹ Apresento para a microestrutura o conceito de organização das unidades lexicais determinadas semanticamente pelas relações que elas mantêm entre si e pela relação com o conceito.



Figura 3: Pescadores artesanais da comunidade de Baiacu-Vera Cruz-Ba.

(Fonte: MOREIRA, 2010).



A microestrutura onomasiológica de **PESCADOR** corresponde às questões ‘13 - Para pescar de que se necessita?’; ‘46 - Quem é que sai para pescar?’; ‘47 - O (a) senhor (a) é ___?’; ‘51 - A pescaria é um trabalho para quem?’; ‘52 - Como o pescador planeja a pescaria?’; ‘53 - Quem trabalha na pesca?’; ‘54 - Aquela pessoa que pesca como é que se chama?’; ‘55 - De que é formada a pescaria?’; ‘57 - Como se chama o pescador que sabe manusear os instrumentos de trabalho?’; ‘60 -... o homem que é contratado para trabalhar na

pesca?'; '62 -... a pessoa que cuida de toda a pesca?'; '64 - Como é designada a pessoa que sai para pescar?'

Tratam-se de lexias simples, compostas e complexas. Foram encontradas vinte e cinco denominações incluídas nesse campo: *calafateiro, camaroeiro, canoeiro, corticeiro, dono de rede, grosereiro, manzuazeiro, redeiro, mestre de rede ou proeiro ou contra-mestre, moço e tainheiro*, entre outras. *Mestre de rede* ou *proeiro* é o que melhor representa essa microestrutura de **Pescador**, é o elemento mais saliente, seguido de *moço*.

Àquele que tem como labor diário a pescaria alguns chamam *pescador*, outros, àquele que vai à pesca, e outros, ainda, o chamam de *homem do mar*. É a vivência linguística ou, especificamente, cadeias paralelas como a do conceito e da imagem acústica, que revelam que uma mesma função pode ser expressa por formas diferentes e uma única forma pode representar diferentes funções.

De acordo com Cunha (1999), o termo *pescador* encontra-se documentado a partir do século XIII e tem sua origem no latim *pīscātor, -ōris*. Entretanto, para o mestre pescador J.S.P., 86 anos “*pescadô é lê o ma, é um misteru*”.

PESCADOR s.m.

Transc. Graf. **Pescadô** “*A profissãw é pescadô e tamém tem as pessoa que marisca, as muleres, por exemplo, são marisqueras. Mas que trabała na pescaria é mosu, mosu ahenti chama de mosu a profissãw de pescadô. Mas, a caderneta vem é de pescadô. Mas, aqui em Baía'ku é mosu de redi, tem o mestre e tem os mosu é a manera de empregá o termo pra falá proeru, mas a finalidade é pescadô, o nome apropriado é pescadô, que ele pesque a rede, que ele vá de mosu, ele diz é pescadô porque den' da pescaria cada um tem sua funsão, né [...]*.” (O.C., 72 anos).

‘Trabalhador da pesca’.

PESCADOR é o conceito central e, ao redor dele, encontram-se as demais denominações, todas dependentes do serviço que o trabalhador da pesca desempenha e o lugar que ele ocupa no conjunto do labor pesqueiro, o que demonstra que o *Pescador* pode fazer mais do que lançar a rede ao mar.

Pescador é uma das lexias de maior ocorrência entre os trabalhadores do mar, seguida de *moço* e *mestre*, mesmo porque a comunidade de Baiacu é tipicamente constituída de pescadores e conhecida como “a única comunidade da Ilha de Itaparica composta de pescadores artesanais”. Mas a ideia que advém do termo *Pescador* perpassa o campo das

relações profissionais, abarca um campo maior, o simbólico, porque metaforiza um conceito amplamente estendido da categoria. Essa metaforização expressa não a transposição do nome de uma coisa para outra, como propagavam os clássicos, mas revela ação e pensamento entre dois domínios para representar uma só imagem, uma associação de ideias representadas na memória singular do indivíduo, essencialmente, uma maneira de pensar revestida de uma prática social, mediante expressão de um novo conceito, conforme proposta dos cognitivistas e de adeptos das metáforas conceptual e terminológica. Somente quem vivencia sabe entender o valor do signo presente ali.

MOÇO s.m.

Transcr. Graf. **mosu** “[...] *que trabała na pescaria é, é mosu, mosu ahenti chama di mosu a profissão de pescadô [...].*” (O.S., 72 anos); *A equipe é essa merma se foi di cinc’, seis mosu aquilo ali é uma equipe di mosu daquela redi, digo, pesca direto naquela redi, o mosu tem essa obrigasãw.*” (C.P.N, 66 anos).

‘Moço responsável pela atividade da pesca’.

A lexia simples *moço* encontra-se no campo nuclear do conceito **PESCADOR**. Quanto às definições citadas nos dicionários gerais e etimológicos, não correspondem à significação com que a lexia é empregada na comunidade de Baiacu. As denominações mais frequentes para esse conceito, no *corpus* em apreço, apresentam-se, também, como lexias compostas e complexas. Nesse sentido, os traços que unem o conceito **MOÇO** às outras denominações são os traços ‘masculino’ e as ‘funções laborais da pesca’.

Assim, por exemplo, para a denominação *moço*, a ideia que se apresenta, geralmente, evoca apenas a categoria. Diz-se: “conheci o *moço* que trabalha na rede de Moreno”, já se sabe quem é e o que se expressa –, na realidade, é ‘pescador’. Entretanto, para o interlocutor apenas a categoria é evocada. Nesse sentido, *moço* é um signo linguístico para quem partilha daquela mesma experiência, mas não para uma outra pessoa em cuja comunidade não se associe a essa lexia uma determinada representação que corresponda, precisamente, ao significado ‘pescador’.

Observa-se, do mesmo modo, que a relação entre o significante e a realidade nem sempre é uma relação direta; se assim fosse, não seria possível designar a mesma coisa em línguas diferentes com imagens acústicas distintas. Caso contrário, haveria apenas uma língua (BALDINGER, 1970). Convém observar, nesse sentido, que só o que fala e conhece nada mais que seu próprio idioma tende a identificar palavra e coisa. Para o autor, não se pode

limitar o conceito à realidade. O conceito é apreensível somente com a ajuda de um significante e os sistemas designativos servem para realizar os conceitos.

Moço, frequentemente, corresponde à pergunta a respeito de quem é a pessoa que sai para pescar. Seguindo do termo *Mestre*, é uma das unidades de maior ocorrência utilizada pelos pescadores na comunidade de Baiacu. *Moço* ocupa uma posição que durante muito tempo pertenceu ao *mestre*, o que é uma consideração de ordem diacrônica. Comprova-se, desse modo, que o sentido de *moço* pode estar ligado à significação dada para cada posição de uma série daquelas denominações. A depender da função que cada lexia desempenha, há uma relação hierárquica e motivada por série associativa. Neste campo, nem sempre a cada diferente tipo de unidade linguística corresponde um nível de unidade estrutural. No que tange à classificação dessa microestrutura, a categoria básica é o substantivo que, às vezes, acompanhado de adjetivo, forma um sintagma nominal.

MOÇO RASO sintagma nominal

Transc. Graf. **Mosu razu** “[...] *Tem mosu que ahenti leva ainda não sabe pescá, mas ahenti leva pra desafoná, não sabi fazé a cort (?= cortiça) a, esses é mosu razu, como diz. [...]*” (O.S., 72 anos); “*O mosu razu é o que mais gãa. O mosu razu é na bruta, faz qualqué trabaio.*” (Z.N., 40 anos).

‘Moço considerado aprendiz, e também aquele disponível a qualquer serviço na pesca’.

A denominação *moço raso* é uma lexia não dicionarizada, apresentando relação metafórica. Trata-se de uma metáfora conceptual¹².

MOÇO DE/A REDE sintagma nominal

Transc. Graf. **Mosu di/a redi** “[...] *Mas que trabała na pescaria é mosu, mosu ahenti chama de mosu, a profissão de pescadô, omi que trabała na pescaria [...]. Aqui em Baiacu é mosu di redi, tem o mestri e tem os mosu, é a manera de empregá o, o termu [...]*” (O.S., 72 anos); “*São os mosu da redi que trabała na pesca [...]*” (M.D., 68 anos).

‘Moço que trabalha na pesca’.

Lexia complexa não dicionarizada. A lexia simples *moço* passa à complexa *moço de rede*. No dizer de Piel (1989, p.132), é bitemática, mas o seu significado é preservado, se comparado ao monotemático.

¹² A metáfora passa a ser considerada como uma comparação, em que há uma identificação de semelhanças e transferência dessas semelhanças de um conceito para o outro. Para Lakoff e Johnson (2002; LAKOFF, 2003), sobretudo, o sistema conceptual dessa teoria é metaforicamente estruturado, isto é, os conceitos, na sua maioria, são parcialmente compreendidos em termos de outros conceitos.

PÉ DE BANCO¹³ sintagma nominal

Transc. Graf. **Pé di bancu** [...] *o pé di bancu é que rema a canoa. E quando ele acaba di remá a canoa, ele vai puxá aquele chũbu, o largadó puxa uma parti e ele puxa otra até chegá em cima. [...] As veiz pega **pé di bancu** pra ajudá o abaxadó [...]* . (C.P.N., 66 anos).

‘Moço que desempenha a função tanto de remar a embarcação, quanto a de realizar outros serviços do ramo da pesca’.

Lexia não dicionarizada. Outra denominação metonímica. Há quatro significações para esse termo, em Baiacu, o que revela relação de polissemia. A primeira se refere a uma das partes da canoa, lugar específico reservado para colocar a *vela de pena*; a segunda, como recipiente para colocar o pescado. Uma outra diz respeito ao assento do *moço pé de banco*. E uma quarta relaciona-se à denominação para o ‘pescador cuja função, nessa microestrutura, é a de remar’.

CALÃO DE FORA sintagma nominal

Transc. Graf. **Calãw di fora** “[...] *e daí ahenti comecemu na maré, e aprendemu que **calãw di fora** é os mosu que fica co’ a água nos peitu. É dois, um na frente, puxa; otro, segura o calãw. Calãw di terra, o mosu que a água fica no jueļu ou abaxo do jueļu.*” (C.P.N., 66 anos); “*Os que vão por terra é calãw di terra, é redi di camarãw; os que vão por lá, vão mais pelo fundo, chama **calãw di fora** porque tá lá na parte di fora, e o que tá mais cá em terra é calãw di terra. Os de lá vai, vai com água na cintura, nas caxa dos peitus, e os daqui vai pelo razu, é calãw di terra. O calãw di terra não se mola.*” (O.C., 72 anos).

“Moço que pesca na área menos superficial do mar”.

Forma não dicionarizada. *Calão de fora* é uma expressão referente à coisa, sendo usada, também, por metonímia, para designar seres humanos. Esta lexia complexa *calão de fora* indica o tipo de rede utilizado e o local onde o *moço* pesca, com referência à profundidade do mar.

CALÃO DE DENTRO/ CALÃO DE TERRA sintagma nominal

Transc. Graf. **Calãw di dentu/ Calãw di terra** “[...] *calãw é a redi que pesca quatro pessoa, mosu, é a redi di arrastu, é camarueru, chamada camarueru, são duas pessoa, mosu*

¹³ Cf. análise também na microestrutura onomasiológica de *recipiente*.

pescanu fora, no calãw di fora e uma pessoa pescano no calãw di terra, di dentu e fica um mosu na canoa catano o camarãw, separano o camarãw di pexi, do siri, e da bagacera que é o limo, água-ma, esses negosu” (M.O., 22 anos); “Os que vão por terra é calãw di terra, é redi di camarãw; os que vão por lá, vão mais pelo fundo, chama calãw di fora porque tá lá na parte di fora, e o que tá mais cá em terra é calãw di terra. Os de lá vai, vai cum água na cintura, nas caxa dos peitus, e os daqui vai pelo razu, é calãw di terra. O calãw di terra não se moła.” (O.C. , 72 anos).

‘Moço pescador de rede de camarão cuja função é associada à posição em que se encontra no mar e no tipo de rede em que se pesca’.

Forma não dicionarizada. As variantes lexicais *calão de dentro* ou *calão de terra* apresentam a mesma significação: ‘moço que não pesca nas profundezas do mar’.

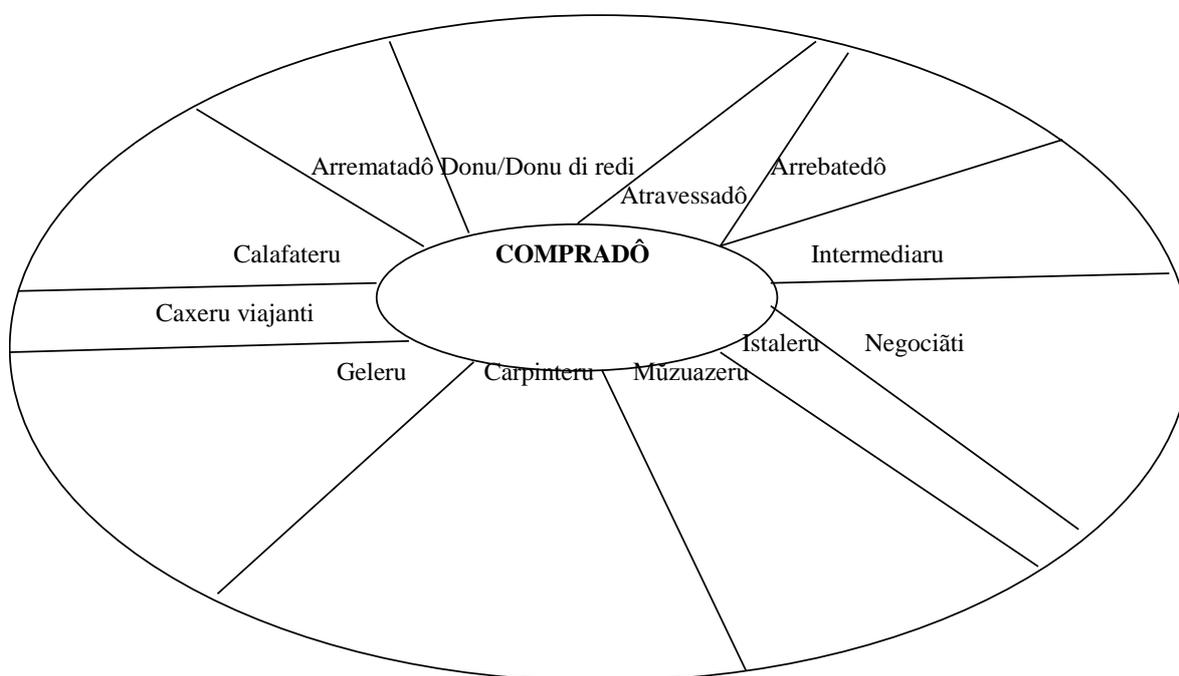
Se forem aproximadas todas as denominações do conceito PESCADOR: *mestre de rede, proeiro, moço raso, moço profissional, moço de rede, canoeiro, pé de banco, popeiro, contra-popeiro, abaixador, calão de fora, calão de dentro, chumbeiro, largador, camaroeiro, tainheiro, grosereiro, munzuazeiro*, nota-se que tais unidades linguísticas têm em comum os traços <pescador>, <homem>, <trabalhador de pesca>, <tripulante > / < não é mestre > / < serviçal >, < aprendiz > / < profissional>. Os semas que diferenciam cada uma dessas lexias referem-se à <-dono de rede >, <-mestre >, <+ trabalhador >.

Moço é a denominação correspondente à noção de ‘pescador’. Apenas a lexia *chumbeiro* apresenta sentido de base derivado de uma lexia de origem latina, as demais não se encontram dicionarizadas. Outras, como a lexia *moço*, embora dicionarizadas, não correspondem às definições registradas. Do mesmo modo, é possível perceber que as relações que ocorrem são de ordem também de associações por um elemento comum a todos os termos, pela duplicidade de sentido e de forma, pelos elementos de derivação e composição, e pela função que desempenham na pesca. O que une as denominações desse campo é, geralmente, a hierarquia ou as funções específicas que se verificam durante o processo da pescaria. A sua motivação se dá através de séries associativas, a exemplo de *larga -dor*, *abaixa -dor*, e de categorias, a exemplo de *moço popeiro*, *moço profissional*.

Das denominações acima consideradas, nove não se encontram dicionarizadas, são elas: *calão de fora, calão de dentro ou de terra, contra-popeiro, popeiro, largador, moço raso, pé de banco, moço de rede e moço profissional*. As dicionarizadas são: *abaixador, moço e chumbeiro*.

A análise onomasiológica de **PESCADOR** demonstra que as relações que nela estão presentes ocorrem, a exemplo de: *calafateiro*, *camaroeiro*, *canoeiro*, por um elemento comum a alguns termos, no caso, o sufixo *-eiro*. Detectou-se apenas o sentido de base da origem de dois termos: *mestre*, oriundo do latim, e *calafateiro*, do árabe. Das demais denominações, encontram-se dicionarizadas cinco: *calafateiro*, *camaroeiro*, *canoeiro*, *mestre* e *moço*. As não dicionarizadas são: *corticeiro*, *dono de rede*, *grosereiro*, *proeiro* e *tainheiro*.

7.2 Microestrutura onomasiológica de **PROFISSÃO**



A microestrutura onomasiológica de *profissão* constitui-se de lexias simples, compostas e complexas, compreendendo doze denominações: *arrematador*, *arrebadador*, *atravessador*, *calafateiro*, *caixeiro viajante*, *carpinteiro*, *comprador*, *dono de rede*, *estaleiro*, *geleiro*, *intermediário*, *negociante*. O sentido de base da maioria das denominações é oriundo do latim, assim como a categoria básica é o substantivo.

DONO DE REDE sintagma nominal

Transc. Graf. **Dono di redi** “*Quem pode tem a redi, é o donu di redi, e tamém pode sé o mestri [...] No caso Barãw tem duas redi é o donu, mas uma Naldo mestra e a, o filho de Naldo mestra otra. Qué dizé, são dois mestri pra duas redi. Baum é mestri da redi de Beño, Beño que é o donu. Romi é donu e é o mestri. Naldão é donu di redi e é o mestri, den’ do*

mesmo tempo. Qualquer pessoa não pode ser mestre, não. Tem que cuncê porque não é todo mundo que sabe.” (J.A., 49 anos).

‘Pessoa que tem poder de compra, e como dono de rede passa a gerenciar a equipe. Geralmente é um comerciante da própria localidade’.

De acordo com Diegues (1983), entre os donos de rede e os pescadores existe uma oposição não-antagônica, na medida em que ainda dominam alguns segredos da profissão e são aparentados ou vizinhos. O diferencial de renda entre ambos é visível. Daí se situarem os pescadores entre os grupos mais pobres, com altos índices de analfabetismo, péssimas condições de moradia. Na comunidade de Baiacu, é raro encontrar um pescador que seja dono de seu material de trabalho. Apenas quatro pescadores, aproximadamente, são donos de rede, possuem rede. Os demais ficam à mercê do comerciante que, geralmente, além de ser *dono de rede* é, também, de canoas e alguns outros apetrechos. Existe um vínculo de parentesco ou de amizade ou apadrinhamento entre o *dono de rede* e o pescador.

Em Baiacu, a possibilidade de ser ‘mestre’, ao mesmo tempo em que se é *dono de rede*, só acontece para aquele que já vive do ramo da pesca, mas não para o comerciante. Um exemplo disso é o do jovem pescador, o INF.20, E. L. A., 29 anos, que, além de “mestrar” a rede de um dos comerciantes, comprou a sua própria rede, recentemente. Os pescadores fazem questão de falar sobre ele com alegria e satisfação.

A lexia complexa *dono de rede* é uma forma não dicionarizada. Encontra-se registro nos dicionários apenas para os termos *dono* e *rede*.

REDEIRO s.m.

Transc. Graf. **Rederu** “*Os pexi tem as pessoa que compra qué dizé que, antigamente, ahenti chamava **rederu**, arrebatêdô, atravessadô. Oje, não tem, oje as pessoa mermo vai pra bera da canoa e compra aquele pescado, o intermediaru, negociãti, mulé, omi.*” (C.P.N., 66 anos).

‘Pescador que desempenhava a função de comprar e vender os pescados e os mariscos’.

Lexia não dicionarizada.

ARREBATADOR s.m.

Transc. Graf. **Arrebatêdô** “*Os pexi tem as pessoa que compra, qué dizé que, antigamente, ahenti chamava **rederu**, **arrebatêdô**, atravessadô. Oje, não tem, oje as pessoa mermo vai pra bera da canoa e compra aquele pescado, o intermediaru, negociãti, mulé, omi.*” (C.P.N., 66 anos).

‘Pescador que compra e revende o pescado’.

A unidade lexical *arreatador* provém do étimo <ar-ribāt>, de origem árabe, conforme Cunha (1999).

ARREMATADOR s.m.

Transc. Graf. **Arrematadô** “[...] *tem que agradecê a Deus por té dado uma pescaria melô pra henti e que é pescadô que pesca cuida da mercadoria pra não ficá ruim. Levá pra casa, logo. No meu caso, eu pesco mesmo pra mim, não saio vendeno assim não. É camarãw, e você tem que té mûyto cuidado, chegá em casa, lava ele, bota uma água gelada pra conservá. Eu vendo aqui na porta mermo. Tem henti, os arrematadoris que compra na nossa mão e vai levá pra Salvadô pra revendé.*” (J.A., 49 anos).

‘Pessoa que compra e revende o pescado’.

Arreatador é um termo não dicionarizado. Lexia em desuso, na comunidade, sendo substituída por *negociante*, *comerciante* e *comprador*.

As relações da microestrutura onomasiológica de *Profissão* revelam-se, a partir de associações verificadas nos elementos formados por derivação, por um elemento comum a alguns termos, prefixos e sufixos, a exemplo das séries associativas *pescador*, *arreatador*, *comprador*, *comprador*, *abaixador*. O sentido de base de algumas lexias, como por exemplo: *atravessador*, *carpinteiro*, *comprador*, *negociante* é oriundo do latim; enquanto que *arreatador* e *calafateiro* advêm do árabe; e *caixeiro*, do catalão. As lexias que não se encontram dicionarizadas são: *arreatador* e *geleiro*. A categoria de base é o substantivo.

Das denominações, nove se encontram dicionarizadas: *arreatador*, *atravessador*, *caixeiro viajante*, *calafateiro*, *carpinteiro*, *comprador*, *estaleiro*, *intermediário*, *negociante*. As consideradas em desuso são: *arreatador*, *atravessador*, *caixeiro viajante*, *geleiro*. A maioria é motivada por série associativa de derivados análogos, por exemplo, as lexias *arrebate-dor*, *ar-remata-dor*, *a-travessa-dor*, em que há intersecção de duas séries as de *arrebate*, *arremate*, *atravesse* e a de *rebatedor*, *rematador* e *atravessador*.

8 Considerações Finais

O importante em uma pesquisa é saber que esta é sempre incompleta e que os dados apresentados podem ser averiguados, criticados e reformulados. Logo, é muito difícil compreender o significado das denominações relacionadas aos *conceitos* para *Pescador*, principalmente para aqueles que não os realizam ou os vivenciam.

Referências

ALVES, Iêda Maria. (Org.) A constituição da normalização terminológica no Brasil. *Cadernos de Terminologia*, n.1, FFLCH/CITRAT, São Paulo: 1996.

BABINI, Maurizio. Do conceito à palavra: os dicionários onomasiológicos. *CiencCult*, São Paulo, v.58, n.2, Apr./June 2006. Disponível em <<http://www.CiencCult./Terminologia/Artigos>> Acesso em: 26 mar.2008.

BALDINGER, Kurt. *Teoría semántica: hacia una semántica moderna*. Trad. Emilio Lledó; L. Molina; José Mondéjar; José Luis Rivarola. Madrid: Alcalá, 1970.

CABRÉ, Maria Teresa. *La terminología: teoria, metodologia, aplicaciones*. Barcelona: Antártida/Empúries, 1993.

_____. *La terminología: representación y comunicación*. Barcelona: IULA/ Universitat Pompeu Fabra, 1999.

CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. 2. ed. rev. e acresc. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FREITAS, Affonso Antônio. (1976). *Vocabulário nheengatu: (vernaculizado pelo português falado em São Paulo): língua tupi-guarani*: 2. ed. São Paulo: Nacional, 1976.

KRIEGER, Maria da Graça. Terminologia revisitada. *DELTA*, São Paulo, v. 16, n° 2, 2007.

OLIVEIRA, Ana Maria P. de; ISQUERDO, Aparecida Negri (Org.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. 2. ed. Campo Grande: UFMS, 2001.

OLIVEIRA, Isabelle. Métaphore et terminologie. In:_____. *Nature et fonctions de la métaphore en science : l'exemple de la cardiologie*. Paris : L' Harmattan, 2009, pp. 27-56.

SIBLOT, Paul. Problématique de la nomination: du répertoire des sens a l'analyse de leur production. *Neologica*. n.1 Paris: Revue Internationale de Néologie. Éditions Garnier. Revue publiée par le laboratoire de linguistique informatique (LLI, Université Paris XIII- CNRS), 2007, pp. 33-48.

SILVA, Augusto Soares da. *A semântica do deixar: uma contribuição para a abordagem cognitiva em semântica lexical*. Portugal: Calouste Gulbenkian, 1999.

SILVA, Augusto Soares da. *Semântica histórica e cognição*. Portugal: Calouste Gulbenkian, 2005.

Moreira, C. F.

Recebido em 05/08/2010

Aceito em 14/12/2010